7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais

12, 13 e 14 de dezembro de 2024, Porto Alegre (RS)

Economia Política Internacional

A CAMINHO DA DESGLOBALIZAÇÃO?: PROMESSAS E LIMITES DA ORDEM LIBERAL INTERNACIONAL

André Luiz Oliveira Marques de Souza
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O artigo surgiu como um trabalho final para a disciplina de “Tópicos de Economia Política Internacional”. O tema do mesmo era explorar uma possível crise na globalização e uma possibilidade de desglobalização dada essa conjuntura. A bibliografia do bloco, escolhida pela professora da disciplina, trazia quatro entrevistas de especialistas convidados e funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI). Todas abordavam as crises que o mundo enfrentava no momento e a solução de todas elas se encontrava em “mais” e não “menos” globalização. Essas entrevistas motivaram uma série de perguntas a respeito da neutralidade dos entrevistados enquanto teóricos, especialmente dado a localidade na qual eles cresceram e se formaram. Estariam eles deixando de lado a totalidade do fenômeno e analisando um processo global apenas a partir de sua realidade?

Motivada por essa inquietação, a busca por uma literatura preocupada com as consequências desse fenômeno para o Sul Global e do processo como um todo se sucedeu. O papel do dólar, mencionado por um dos entrevistados, motivou a busca por uma literatura que demonstrasse qual poderosa poderia ser essa moeda internacional e como isso afetava o país dono dessa moeda. Desse modo, a primeira inquietação foi sanada com Ha-Joon Chang e Zygmunt Bauman, além de Sanahuja e Burian que fornecem na extrema direita um exemplo do que a crise na globalização pode causar.

Dado o contexto de produção, o trabalho aqui apresentado busca demonstrar como o processo da globalização não é um processo neutro, que não difere entre os participantes quanto a partilha dos ganhos que ele provoca, muito pelo contrário. A lógica da globalização é possibilitada pelo local que o dólar ocupa na economia mundial, servindo de moeda internacional e reserva para países diversos. Os Estados Unidos, por serem os donos e fiduciários dessa moeda, dispõem de uma posição de privilégio inalcançável para os outros países dentro desse sistema e podem até mesmo usar esse controle cambial como arma, na forma de sanções e bloqueios através do sistema SWIFT. A pergunta de pesquisa que norteou esse processo é a seguinte: O mundo está passando por um processo de desglobalização?

A hipótese do trabalho é a de que o mundo não passa por uma desglobalização. Apesar da grande crise de 2008, a pandemia de 2020 e a invasão russa em 2022, e do surgimento e fortalecimentos de blocos econômicos regionais, notadamente o BRICS, um dos mais fortes sustentáculos da globalização é o dólar e, por conseguinte, os Estados Unidos. Não só os norte-americanos e seus aliados se beneficiam desse arranjo, mas até mesmo proponentes de uma possível nova ordem, como é o caso da China que, em função de sua enorme reserva cambial de dólares, não parece interessada em solapar o sistema atual em um futuro próximo.

Além de uma breve introdução que traz exemplos da globalização no dia a dia e uma conclusão que responde a pergunta de pesquisa e retoma os argumentos apresentados, o trabalho se divide em três seções. Na primeira é apresentado o conceito de globalização segundo o FMI, um instituição parte do status quo e simpática ao processo, seguido de uma alusão ao processo globalizante como “americanização” feito pela a banda alemã Rammstein em 2004, um ano onde os críticos do processo ainda eram silenciosos. A segunda seção traz a análise de Zygmunt Bauman sobre a globalização, com foco particular a respeito da perda de poder dos Estados frente a ela, o que é um dos pontos dos discursos das direitas radicais, nascidas da crise de 2008, e que se apresentam como inimigo número um da ordem liberal atual e da globalização. Essa seção também conta com um resgate do argumento central de Ha-Joon Chang em “Chutando a Escada” a fim de demonstrar o lado econômico da globalização e como essas políticas se apresentam no Sul Global. Por fim, o papel do dólar na ordem global é discutido, segundo o economista-chefe do FMI, e o trabalho de Ernani Filho sobre a bomba-dólar é resgatado para demonstrar o poder único detido pelos Estados Unidos no sistema internacional vigente.

1 INTRODUÇÃO

A globalização é um fenômeno claramente percebido no cotidiano da maioria das pessoas. Esse é um processo de integração econômica, política, social e cultural que se faz presente desde a integração mundial da bolsa de valores até o lançamento simultâneo de uma série em uma plataforma de streaming. A diminuição das distâncias do mundo tem pontos de partida diferentes, a depender de qual dos teóricos que a estudam é mobilizado. Alguns colocam seu início nas Grandes Navegações e o descobrimento do Novo Mundo, outros situam esse processo a partir da invenção do barco a vapor e das ferrovias o que permitiu a maior disponibilidade de produtos e de matéria-prima sem aumentar os seus custos finais. Qual seja seu início, a globalização moldou o mundo que vivemos.

Contudo, a crise de 2008 rasgou uma ferida no tecido da globalização que aparenta ainda não ter sido totalmente cicatrizada. Esse momento crítico deu maior espaço à teóricos e políticos que já se apresentavam antagônicos a esse processo. No ano de 2020 a pandemia agudizou novamente esse sentimento, e em 2022 a invasão russa à Ucrânia colocou também em cheque a eficácia da ordem econômica internacional.

Frente a essa conjuntura, o presente trabalho procura responder a pergunta do título deste artigo a partir dos seguintes objetivos: definir o que seria o processo de globalização, demonstrando que não se trata de um fenômeno neutro e natural; apresentar como esse processo afeta de forma dispares países do globo, a depender de sua colocação na divisão internacional do trabalho, de forma que aqueles que se encontram no centro desfrutam e

dependem dos que estão na margem do sistema internacional; examinar o papel do dólar, como moeda internacional e seu potencial bélico.

2 GLOBALIZAÇÃO OU AMERICANIZAÇÃO?

No campo da economia, o dólar foi transformado na principal moeda internacional depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Cada vez mais as empresas têm se tornado transnacionais e a capacidade de investir na bolsa de valores mundo afora marca a transição a um capitalismo financeiro-rentista, no qual a materialidade dos meios de produção não implica na necessidade de estar no mesmo espaço geográfico do investidor. No campo político há uma tendência de homogeneização das organizações políticas. Países marginais procuram mimicar as estruturas e instituições políticas dos países centrais, com diferentes graus de complacência dos primeiros, na tentativa de não serem deixados de fora do sistema global. Um exemplo de um país que não conforma com esse processo se encontra na China e, em função disso, é frequentemente questionada e criticada sobre o nível de democracia na qual operam os cidadãos e as instituições chinesas. Tais desconfortos sistêmicos podem e são utilizados para munir sanções econômicas tidas como legítimas frente às instituições multilaterais que compõem o sistema, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Conselho da União Europeia, dentre outras.

Social e culturalmente o impacto da globalização talvez não seja mais bem encapsulado do que através do exemplo da internet. A internet nasceu a partir da Arpanet, uma tentativa do exército americano de descentralizar a sua estrutura de comunicação tendo em vista os possíveis ataques soviéticos, e foi evoluindo conforme seu contato foi crescendo com a esfera civil (Kroes, 2001). Portanto, a rede mundial de computadores nasceu nos Estado Unidos e, apesar de ter se espalhado ao redor do globo, é dos americanos o troféu de maior tráfego nesta via, mesmo que outros países detenham maior grau de conectividade (Kroes, 2001). A partir da internet, as redes sociais e as plataformas de entretenimento, como o YouTube, Spotify e a Netflix, ligam pessoas do mundo inteiro e distribuem a elas uma infinidade de produções culturais e artísticas. Apesar dessas obras carregarem em seu “DNA” idiossincrasias de seus locais de produção, tomam uma forma final relativamente homogeneizada, transformada em algo que melhor se encaixa na produção cultural do centro hegemônico. Em função da centralidade do dólar na globalização, muita das vezes esse local se encontra nos Estados Unidos. Aí também se encontra a justificativa do porquê a língua “oficial” da internet ser o inglês. Esse fenômeno não é exclusivo ao ambiente virtual. O ESL (English as a Second Language) se torna cada dia mais indispensável para profissionais das mais diversas áreas de atuação. No meio

acadêmico, as principais revistas para a publicação de artigos são anglófonas, ou pelo menos requerem que o trabalho submetido a elas seja traduzido para a língua inglesa.

Assim, o processo de globalização pode ser tratado, a partir de uma perspectiva crítica, como um processo fruto de um imperialismo, ou até mesmo, de uma "americanização". A banda alemã Rammstein lançou em 2004 um single que tem como foco esse processo. A música tem o nome de "Amerika", termo da língua alemã que é utilizado para se referir especificamente aos Estados Unidos, e traz em seu texto uma particularidade que é imediatamente reconhecida por aqueles familiarizados com a banda – o refrão e sua ponte final são cantados em inglês:

> "We're all living in Amerika
> Amerika ist wunderbar
> We're all living in Amerika,
> Amerika, Amerika.
>
> Wenn getanzt wird will ich führen
> Auch wenn ihr euch alleine dreht
> Lasst euch ein wenig kontrollieren
> Ich zeige euch wie's richtig geht
>
> Wir bilden einen lieben Reigen
> Die Freiheit spielt auf allen Geigen
> Musik kommt aus dem Weissen Haus
> Und vor Paris steht Mickey Mouse
>
> Ich kenne Schritte, die sehr nützen
> Und werde euch vor Fehltritt schützen
> Und wer nicht tanzen will am schluss
> Weiss noch nicht dass er tanzen muss
>
> Ich werde euch die Richtung zeigen
> Nach Afrika kommt Santa Claus
> Und vor Paris steht Mickey Mouse
>
> This is not a love song
> This is not a love song
> I don't sing my mother tongue
> No, this is not a love song
>
> We're all living in Amerika
> Coca Cola sometimes war
> We're all living in Amerika" (Rammstein, 2004).

A música pode ser interpretada como uma contundente crítica ao processo de "americanização" que o mundo havia experienciado durante o início do novo milênio. Ela faz uma alegoria ao sistema internacional como uma dança, na qual o eu-lírico representa os Estados Unidos conduzindo, não só a música, mas também quais passos seriam permitidos aos participantes desse baile, em outras palavras, os outros países do mundo. Esses "passos" podem ser interpretados como estratégias de desenvolvimento empregadas pelos

países. Dentro dessa lógica existem passos certos, aqueles que seguem o projeto do eu-lírico, e passos em falso, qualquer projeto de autossuficiência ou mudança do status quo. A liberdade dos países inseridos nesse sistema é falsa, visto que é impossível deixar de dançar no ritmo da música e, consequentemente, da forma que o país hegemônico deseja. Vários símbolos do poder norte-americano aparecem ao longo da lírica. A música vem da Casa Branca, onde todos os violinos tocam a liberdade, Mickey Mouse está à frente da cidade Paris, Papai Noel chega até no continente africano, demonstrando o alcance do poderio cultural americano, e a Coca Cola serve como um refresco para amenizar as guerras que vez ou outra tendem a acontecer e afetar o bem-estar dos americanos.

O videoclipe do single fornece complementações a crítica exposta na letra e traz novos elementos que deixam ainda mais claro o argumento proposto pela banda. Ele ironiza o pouso na Lua realizado pelos americanos, através da missão Apollo 11 em 1969, por meio da popular teoria de conspiração de que o pouso de fato nunca aconteceu, e não foi nada mais do que uma elaborada filmagem realizada em um estúdio (algumas teorias apontam até mesmo que o pouso foi dirigido por Stanley Kubrick). O pouso na Lua representa especial poder simbólico pois veio a representar a vitória dos Estados Unidos sobre a União Soviética, nesse momento apenas a respeito da corrida espacial, mas depois, até mesmo com o fim da Guerra Fria, a conquista da Lua se tornou o paradigma da vitória do capitalismo sobre o socialismo e o comunismo. O pouso da banda é transmitido pelo mundo inteiro, tal qual foi o real pouso, e nesses diferentes países também encontramos sátiras direcionadas à influência americana. É possível observar uma tribo em algum lugar do continente africano comendo pizza, que apesar da herança italiana frutos dos imigrantes que se mudaram para os Estados Unidos, foi transformada em um *fast food* classicamente estadunidense. Há monges budistas comendo o tradicional hambúrguer que se tornou indissociável da cultura americana, principalmente com o alcance global desfrutado pelo McDonald's. Além disso, um homem é visto praticando a “salat”, a tradicional oração islâmica realizada cinco vezes ao dia, mas ao invés de estar apontada a Meca, o religioso direciona sua fé em direção a torre de queima de gás de uma refinaria de petróleo. Na realidade apresentada no clipe, a globalização então é uma força invasora, um agente exterior que realiza radicais mudanças na cultura local. Seja através do entretenimento, da comida ou até mesmo da religião, essa força busca implantar na cultura desses países o modo de vida americano. O porquê desse movimento não é tratado explicitamente no videoclipe ou na música, tratando-o apenas como um fato observável na realidade, mas é possível inferir que essa conjuntura seja benéfica ao país exportador pois, se não fosse, ela não tomaria a forma com a qual é representada.

Mas como é percebida a globalização por uma organização constituinte da ordem econômica mundial? O FMI, uma das instituições baluartes da globalização, oferece em seu site oficial uma miríade de artigos, relatórios e podcasts sobre o tema. O fio condutor da maioria desses trabalhos é: apesar dos pesares advindos da globalização, a solução é sempre “mais” e não “menos” globalização. Em um artigo que visa fomentar o debate acerca de uma possível desglobalização, Serhan Cevik (2023) deseja uma longa vida à globalização e a define com a ajuda de Nye e Donahue:

> “Globalization is a complex phenomenon that ‘describes the process of creating networks of connections among actors at intra- and multi-continental distances, mediated through a variety of flows including people, information and ideas, capital, and goods. [Put differently], globalization is a process that erodes national boundaries, integrates national economies, cultures, technologies and governance, and produces complex relations of mutual interdependence’ (Nye and Donahue, 2000 apud Cevik, p. 3, 2023).

O argumento de Cevik é de que a globalização é um processo que sempre cresceu de forma não linear, contando com baixas e altas ao longo da sua evolução e que, apesar dos recentes choques geopolíticos e a pandemia de Covid-19 terem estimulado sentimentos de dúvida e medo a respeito desse processo, os medidores tradicionalmente usados para indicar o grau de globalização entre os países seguem inafetados o que demonstra que não há uma crise sistêmica desse processo (2023).

Por sua vez, o professor de história e relações internacionais e historiador do FMI, Harold James em um podcast do próprio FMI em março de 2023, ecoa o sentimento de Cevik e vai além. Para o professor de Princeton, não apenas a globalização vai bem mas só ela pode resolver as crises da cadeia de *supply chain* que surgem ao longo da história. James dedicou parte da sua vida acadêmica em estudar como essas crises moldaram a globalização. Em seu livro, também de 2023, “7 crashes: the economic crisis that shaped globalization” o autor desenvolve seu argumento de que frente às crises de oferta foi na globalização que os governos mundiais encontraram a solução para os desafios que estavam enfrentando. Esse antídoto vem sendo administrado, segundo o professor, desde a segunda metade do século 19. Por volta de 1840, devido a ciclos climáticos desfavoráveis e microorganismos nocivos às plantações, a Europa passou por um grave período de falta de alimentos. A Grande Fome, como ficou conhecida, foi particularmente sentida na Irlanda resultando em uma redução de cerca de 20 a 25% de sua população (Mulhall, 2018). Ante a essa conjuntura era impossível a produção local de alimentos atender a demanda da população e foi na globalização que os governos encontraram uma solução para esse problema. Importando sementes e grãos de outros países e de suas colônias não só a fome foi contida, mas também a oferta de alimentos exerceu pressão sobre os preços desses artigos, de forma que esses voltassem ao normal. Com um outro exemplo, o professor

aponta que na década de 70 o choque dos preços do petróleo trouxeram novamente a sombra da crise sob o sistema internacional e a solução desse quadro encontrava-se, sem maiores surpresas, na globalização. Além da defesa da globalização como uma balança frente à inflação, o autor argumenta como essas crises enfrentadas ao longo da história realizaram o potencial latente de invenções e inovações que não haviam sido percebidas. No século 19, a invenção que tornou a importação dos grãos e sementes possível foi o motor a vapor, diminuindo as distâncias continentais e conquistando os mares sem a dependência do vento e em 1970 o container começou a ser utilizado moldando a importação e exportação de produtos até nos dias de hoje.

Ainda que os argumentos do professor James sejam de uma solidez acadêmica comprovada, há nas suas falas no podcast espaço para debates metodológicos e até mesmo ontológicos. Dois pontos são particularmente reveladores acerca do distanciamento entre cientista e objeto de estudo e das limitações institucionais do FMI. Na entrevista, James argumenta que com a crise do Covid-19 o potencial da vacina de RNA mensageiro (mRNA), que foi pensada para tratar doenças tropicais como a malária, doença de Chagas, dengue, etc., é revelado e pode começar a ser utilizada para tratar doenças mais graves, como o câncer. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 10 milhões de pessoas morrem por ano em função de variados cânceres (CNN Brasil, 2022), enquanto em 2019 foram registrados 1534 óbitos por dengue (OPAS, 2024) e 405 mil mortos por malária em 2018 (ONU News, 2019). É clara a diferença de números entre as doenças citadas, o que pode levar, a um primeiro momento, uma concordância automática com a fala de Harold James. No entanto, é necessário levar em conta a natureza dessas doenças, mais especificamente, o corte geográfico que pode ser feito ao considerar onde tais doenças afligem os aflitos por elas. O câncer tem um caráter mais “democrático”, não necessariamente está atrelado a uma região do globo terrestre, ainda que, por exemplo, uma exposição maior ao Sol possa induzir o aparecimento de um melanoma. Ao passo que as doenças tropicais têm sim uma área de atuação muito mais definida, a própria denominação dada a elas indica seu favorecimento dos trópicos. O ponto a sublinhar desta fala é que, apesar da diferença de números, as doenças tropicais são tão sérias quanto o câncer, contudo, estão reservadas a Estados do Sul Global o que as tornam quase inexpressivas para um estudioso do Norte Global.

Essa quebra ontológica se estende também à fala que o professor faz sobre a internet. Tal qual a vacina de mRNA, ele acredita que a internet seja também uma tecnologia que foi otimizada em função da pandemia, citando como exemplo a própria gravação do podcast e a possibilidade de trabalhar em casa e até removido geograficamente do país sede da empresa contratante. A globalização de fato criou mais oportunidades para o

trabalho remoto, e a pandemia submeteu esse regime a uma verdadeira prova de fogo. Contudo, quais são os trabalhadores que conseguem desfrutar desse regime? O exemplo trazido pelo professor trata de um mercado de trabalho já notoriamente tecnológico, o de desenvolvedores ucranianos que trabalham em outros países sem deixar o conforto de suas casas, mas e quanto a trabalhadores menos especializados com menores graus de instrução? A globalização também trouxe mudanças para esse substrato de empregados. No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam quase 39 milhões de brasileiros estão na informalidade (CNN Brasil, 2023) e dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram um crescimento de 72% de 2017 a 2022 no número de pessoas que trabalham através de aplicativos de entrega, totalizando em 1,5 milhões de pessoas que trabalham por aplicativos (Jornal da Globo, 2022).

Essa disparidade revela também os limites das instituições constituintes da ordem internacional atual e é o segundo ponto a ser destacado nas falas do professor de Princeton. O entrevistador pergunta a ele a respeito da preocupação de certos estudiosos e não-simpatizantes da globalização de que esse tipo de trabalho remoto pode estar aumentando a desigualdade no mundo. O historiador do FMI simplesmente não responde a pergunta, ele desvia do inquérito e retoma o exemplo dos desenvolvedores ucranianos, em uma tangente de como eles foram instrumentais após o momento da invasão russa, pois eles se dedicaram a criar um sistema que avisasse antecipadamente os moradores aos ataques russos. É de se esperar que um funcionário, em uma entrevista da própria empresa, não vá tecer críticas sobre a mesma. Contudo, isso revela os limites teóricos e práticos dessa instituição. O FMI é um dos principais defensores da globalização e, em função disso, não pode ter como horizonte teórico formulações e soluções que fujam das “regras do jogo” já instaladas na ordem vigente. É uma instituição do Norte Global, ou seja, ao tentar aplicar suas denominações ao Sul Global de forma ipsis litteris é inevitável que haja quebras na sua implementação e nos resultados esperados, visto a realidade histórica, social e cultural distinta desses dois lugares.

Outra entrevista fornecida pelo site do FMI traz, ao invés de uma definição de globalização, um diagnóstico de uma possível desglobalização. Desta vez a entrevistada é a diretora-geral do Fundo, Kristalina Georgieva, que repete alguns dos pontos apresentados por Harold James. É possível dizer que a entrevista de Georgieva é ainda menos insípida que a de James, se isso sequer é possível. A análise da diretora é totalmente *by the books*, ou seja, seguindo as regras e trâmites do jogo. Ela apresenta que o mundo estava passando por uma crise sobre crise, a primeira sendo a pandemia de Covid-19 e a segunda a invasão russa da Ucrânia, demonstrando o grau de interconectividade que o mundo experimenta graças a globalização, visto que a primeira de uma epidemia passou a ser em poucos dias

uma pandemia e a segunda demonstra como um conflito geograficamente colocado na Europa pode afetar a oferta de alimentos na África (Georgieva, 2022). Dessa forma, Georgieva expõe os principais problemas que o mundo está enfrentando e quais seriam os passos a serem tomados para enfrentá-los. Ela postula: encerrar a guerra; combater o Covid-19; controlar a inflação; lidar com a dívida; cooperar no combate à mudança climática e preparar os trabalhadores para a revolução digital. Frente a essa amplitude de problemas e incertezas que eles trazem, há um medo do mundo abandonar o caminho da globalização e fragmentar-se em blocos econômicos e geopolíticos. Ela argumenta que esse não é o caminho mais proveitoso pois apenas na cooperação internacional a solução destes problemas pode ser encarada em direção a "um futuro mais justo e resiliente" (Georgieva, 2022). A diretora também demonstra as credenciais do Fundo, dizendo que é um método testado e seguro para cooperação internacional, contando com quase todos os países do globo como membros e finaliza por dizer que estaríamos diante de um ponto nevrálgico da história, tal qual fora a conferência de Bretton Woods em 1944, e que "os desafios que enfrentamos são inseparáveis, assim nossos esforços para resolvê-los devem também ser inseparáveis" (Georgieva, 2022).

3 VENCEDORES E PERDEDORES

Os críticos da globalização baseiam suas críticas em diferentes áreas e não se mantiveram imutáveis ao longo do tempo. Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, já pensava sobre as consequências da globalização no final do século XX. Bauman (1999) analisa a perda de poder dos Estados e a "nova desordem mundial", título do livro de Kenneth Jowitt, que assombrava a era moderna. Essa desordem mundial era resultado do fim da Guerra Fria, o que encerrou a bipolaridade do mundo e abriu espaço para a unipolaridade centrada nos Estados Unidos. A quebra da relativa estabilidade vivenciada na imaginada eterna disputa entre União Soviética e Estados Unidos gerou um sentimento de:

> "[...] 'coisas fugindo ao controle' é que foi articulada (com pouco benefício para a clareza intelectual) num conceito atualmente na moda: o de globalização. O significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. **A globalização é a "nova desordem mundial" de Jowitt com um outro nome**." (Bauman, p. 65-66, 1999, grifo nosso).

Bauman trata a globalização não como uma escolha de cada país em se integrar ou não à "nova moda", mas como um processo realizado a cada país, sofrido por cada nação que compõe o globo. Essa ideia está intimamente ligada com a percepção da perda do poder dos Estados. Retomando a ideia weberiana de Estado como aquele que toma para si o monopólio legítimo da violência e, a partir dele, estabelece a extensão territorial e a

economia e cultura desse pedaço de terra, a globalização consegue se fazer presente pelo fato de que poucos são os Estados da contemporaneidade que ainda detém esse tripé clássico de soberania. Ainda sobre a soberania pós-Grande Cisma, Bauman elucida:

> "No cabaré da globalização, o Estado passa por um strip-tease e no final do espetáculo é deixado apenas com as necessidades básicas: seu poder de repressão. Com sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, a nação-estado torna-se um mero serviço de segurança para as mega-empresas ... Os novos senhores do mundo não têm necessidade de governar diretamente. Os governos nacionais são encarregados da tarefa de administrar os negócios em nome deles." (Bauman, p. 73, 1999).

Não é um absurdo supor que os "novos senhores do mundo" nesse contexto se referem aos Estados Unidos. O processo globalizante beneficia-os de modo que mina os poderes dos outros Estados do mundo. Esse sentimento de "perda de controle" e de Estados impotentes é percebido muito nas análises realizadas por organizações da extrema-direita. Os dirigentes desses movimentos utilizam da insegurança e da falta de pertencimento da população como poderosos aglutinadores na formação de movimentos sociais. Para Sanahuja e Burian (2020), a nova extrema direita surge em resposta a uma crise da globalização, manifestada pela crise econômica de 2008. Globalização é concebida pelos atores dentro do conceito de estrutura histórica de Robert W. Cox, sendo assim, entendida como uma ordem internacional hegemônica sustentada e legitimada pela ordem internacional liberal (Sanahuja e Burian, 2020). Ainda nessa conjuntura, essa percebida crise hegemônica abre espaço para novos atores políticos sendo aqui a "nova direita neopatriota", que é caracterizada por certos marcos notórios. São eles: "sua marcada ideologia nacionalista e antiglobalista; seus discursos e práticas de contestação institucional e normativa frente à globalização como ordem hegemônica" (Sanahuja e Burian, 2020, p. 23, tradução nossa).

Como explicitado, o movimento da direita neopatriota surge em resposta à crise e é composto pelos "perdedores" da globalização, indivíduos que se sentem alienados das benesses promovidas pelo processo de globalização e da ordem internacional atual. Os autores chegam a apontar que esse sentimento pode até mesmo não ser pautado pela realidade, apenas a percebida perda pode ser o suficiente para que os movimentos neopatriotas apareçam atraentes para esses indivíduos (Sanahuja e Burian, 2020). A atuação internacional desses atores se dá a partir do "internacionalismo reacionário" apresentado como:

> "Para Orellana y Michelsen (2019), el internacionalismo reaccionario supone una reconceptualización de lo internacional a partir de discursos y acciones que impugnan temas, normas y prácticas liberales, para dar paso a un nuevo entramado institucional basado en lógicas transaccionales, de poder e identitarias de signo ultra-conservador. A través de ello se define una

> identidad política compartida, que impulsa la convergencia, la articulación y coordinación de la acción política de estas nuevas fuerzas de ultraderecha neopatriota en favor de un orden alternativo. En este trabajo se argumenta, además, que ese internacionalismo reaccionario es una nueva expresión de la distinción "amigo-enemigo", en el sentido que le da Carl Schmitt (SCHMITT, [1932] 1991)." (Sanahuja e Burian, 2020, p. 23).

É a partir do internacionalismo reacionário que as novas direitas se articulam a fim de não só contestar a presente ordem internacional liberal, mas também apresentar uma nova ordem que atenda os valores conservadores. É a forma, aparentemente paradoxal, que grupos nacionalistas se aproximam de outras nações com os mesmos valores e ideais, favorecendo acordos bilaterais em contraposição a fóruns multilaterais, vistos por eles como agressores da soberania nacional, e até mesmo como esses autores compartilham informações e estratégias. Se é no campo da nova extrema direita onde encontramos os perdedores do processo da globalização, onde estariam os vencedores do mesmo?

Ha-Joon Chang é um economista sul-coreano da escola de Friedrich List. Em seu livro de 2003 "Chutando a Escada", ele descreve como as potências do mundo chegaram ao seu estágio de desenvolvimento e porquê as economias emergentes do mundo ainda não conseguiram replicar o mesmo nível de sucesso. Seu argumento principal se encontra no exame da história dessas potências, na qual Chang percebe que essas nações implementaram medidas protecionistas para que suas indústrias nascentes conseguissem se estabelecer e, em tempo, participarem do mercado internacional. Assim, as medidas protecionistas seriam a "escada" que elas utilizaram para alcançar o nível de potência. O "chute" vem a partir do momento que elas ganham esse status e começam a pregar que tais medidas protecionistas são "más políticas" e que não seriam justas frente a um mercado globalizado. As "boas políticas" seriam aquelas liberalizantes, onde a oferta e a demanda denominariam o preço do produto. A parte econômica da globalização parece se assemelhar ao processo descrito por Chang, e visa manter o resto do mundo nessa posição por quanto tempo for benéfico às potências mundiais.

4 PAPEL DO DÓLAR

Pierre-Olivier Gourinchas é o conselheiro econômico e diretor do departamento de pesquisa do FMI. Ele concedeu uma entrevista ao site oficial do fundo em junho de 2022 na qual busca responder como os tensionamentos geopolíticos e a ascensão de economias emergentes podem afetar o papel do dólar na economia mundial e seu papel como reserva de divisas para os países e como isso afeta a forma de globalização que estamos acostumados. A respeito da globalização, quando perguntado se ele acreditaria que ela estava se encaminhando para um final, Gourinchas responde que ela estaria evoluindo. As economias emergente teriam aproveitado a globalização "antiga" para acessar o mercado

internacional e se aproveitarem do crescimento mundial, mas agora que elas já estão mais estabelecidas a sua simples existência no sistema internacional parece indicar uma mudança da unipolaridade para a multipolaridade e que a administração dessa evolução por parte dos Estados Unidos, que ainda seria a força dominante, resultaria em dois possíveis caminhos para essa transição (Gourinchas, 2022). O primeiro e mais extremo desses caminhos seria a formação de blocos econômicos isolacionistas por partes dessas economias emergentes. Cada um desses blocos teria a sua própria infraestrutura e até mesmo sua moeda dominante própria e não se envolveria em cooperação ou em troca de tecnologia. Seria uma conjuntura relativamente estável, segundo Gourinchas (2022), mas resultaria em um mundo menos eficiente, mais pobre, mais caro e mais vulnerável. O segundo caminho nos direciona a um mundo que ainda mantém a cooperação frente a problemas transnacionais, como a pandemia e a mudança climática, e o comércio de bens e serviços. Ele conclui que é um mundo mais complicado, mas que também se apresenta como mais eficiente e capaz de produzir maior qualidade de vida para todos e que é dever do Fundo, e instituições como ele, manter a comunicação entre os países para que esse segundo caminho se concretize.

Na segunda parte da entrevista, o entrevistador pergunta a Pierre-Olivier se o dólar vai manter seu papel como reserva dominante nessa possível nova conjuntura. De imediato o entrevistado deixa claro que o dólar também terá que evoluir mas, similarmente ao tempo geológico, isso acontecerá de maneira lenta e gradual. Ele faz uma estimativa de que em 20 a 50 anos talvez surja outra uma moeda dominante que compartilhe o seu espaço com o dólar, mas mesmo nesse horizonte temporal o número de passos necessários para essa implementação acontecer de maneira suave é bem numeroso (Gourinchas, 2022). Isso acontece porque as nações do mundo têm relativa confiança nos Estados Unidos e por conseguinte no dólar, porém, segurança não é um conceito absoluto. O ganho de segurança em alguma outra moeda não condiz com uma perda de segurança de igual valor no dólar. Assim, a melhor inserção das economias emergentes não impactaria o uso do dólar no mercado internacional, mas pode ter uma influência sobre como os países pensam a respeito das reservas de dólares que possuem (Gourinchas, 2022). Perguntado sobre o Dilema de Triffin, o entrevistado dá uma breve explicação sobre o conceito clássico que surgiu na Conferência de Bretton Woods acerca da relação entre o dólar e o ouro, de como o primeiro é lastreado no segundo, e como o dilema se “modernizou”. Visto o fim do lastreamento em ouro e o abandono do sistema de Bretton Woods em 1971, os Estados Unidos passaram a ser o lastro de confiança da moeda, mais especificamente o Tesouro americano. Dessa forma, o novo Dilema de Triffin seria concebido como: até que ponto os Estados Unidos conseguirão emitir dólares de modo que eles consigam pagar todos aqueles

que retêm a moeda americana? Para além do dilema, isso revela o poder que os Estados Unidos detém sobre a economia global e como esse poder pode ser usado de maneira a levar adiante interesses americanos através de sanções.

A “bomba-dólar” é o objeto de estudo de Ernani Teixeira Torres Filho em um artigo publicado no periódico Oikos em 2022. Nele, Filho traça as origens e principais características dessa novidade bélica americana e usa dois estudos de caso para demonstrar como ela age nos países alvos, o primeiro exemplo é o caso iraniano de 2018 a 2020 e o segundo exemplo trata da Rússia, traçando semelhanças e diferenças a respeito das reações que as sanções provocaram. O autor inicia seu trabalho com um importante apontamento, a teoria monetária convencional não abarca o uso de uma moeda como instrumento de sanção visto que no arcabouço dessa teoria a moeda é neutra. Para tanto, é necessário o uso da Teoria Estatal da Moeda utilizada pelos economistas pós-keynesianos, pois nela se encontra o aporte teórico necessário para a tarefa proposta por Filho.

A bomba-dólar é uma inovação única no meio militar. Diferentemente da bomba nuclear que foi replicada pouco tempo após a detonação em Hiroshima e Nagasaki, a bomba-dólar é fruto “da centralidade quase absoluta que a moeda americana conquistou no sistema global moderno, caracterizado por elevados níveis de integração” (Filho, 2022). Uma vez acionada, a bomba tem efeito sufocante na economia do país-alvo. Primeiro, encerrando a conta dos cidadãos do país-alvo em bancos internacionais, depois, desconectando os bancos locais do sistema internacional. Esse fechamento de cerco vai sobrecarregando o Banco Central do país, até que ele também seja cortado do sistema internacional.

O primeiro alvo da bomba-dólar foi a Coréia do Norte em 2005, o uso do instrumento forçou os norte-coreanos a solicitar uma reunião com os americanos sobre as sanções, depois foi a vez do Irã que sofreu dois em momentos os efeitos da arma, primeiro de 2006 a 2015 e depois em 2018 (Filho, 2022). Os impactos foram catastróficos: o ryals, moeda iraniana oficial, sofreu uma desvalorização de 5 vezes, um dólar era equivalente a 40.000 ryals e depois da bomba-dólar passou a valer 200.000 ryals; houve uma contração de mais de 13 pontos percentuais do PIB de 2018 a 2019; a inflação saiu de menos de 10% ao ano para mais de 50% por ano (Filho, 2022). O alvo mais recente dos Estados Unidos é a Rússia. Em 26 de fevereiro de 2022, os bancos e grandes empresas russas foram proibidos de usarem o dólar e o euro para transações internacionais. Dois dias depois, 300 bilhões de dólares do total de 640 bilhões das reservas russas foram congelados pelos americanos. Filho (2022) aponta que apesar da severidade das sanções aplicadas à nação russa, as consequências não foram as mesmas observadas nos casos anteriores. Isso porque ainda

há um grande fluxo de dólares e euro em função das exportações de petróleo e gás russo e, diferentemente dos outros casos, a economia russa não foi sendo progressivamente asfixiada. Na verdade, houve uma inversão dos passos aplicados em outras economias, devido ao fato da exportação dessas commodities ser crucial para a União Europeia e outros países da região. O que não impede de novas sanções serem aplicadas ao passo que os países aliados dos americanos encontrem formas alternativas de se manterem. O importante a ser assinalado por esse "episódio às avessas" é:

> "[...] a grande plasticidade do instrumento, que pode ser aplicado tanto a alvos limitados (pessoas e empresas individualmente) – como um drone – quanto a instituições financeiras sistemicamente importantes, em conjunto ou isoladamente e em variadas formas de encadeamento, conforme a estratégia adotada pelo atacante." (Filho, p. 80, 2022).

A centralidade do dólar no sistema internacional, e no próprio processo de globalização, além da materialidade da bomba-dólar dá fôlego ao argumento da globalização como americanização. Isto porque os Estados Unidos desfrutam de um lugar privilegiado quando se trata do controle de quem participa ou não do fluxo de capital mundial. Seus adversários, ou qualquer um que possa entrar no caminho dos interesses americanos, são facilmente e unilateralmente desligados do sistema de pagamento internacional, o SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication), causando de maneira quase imediata inflação, perda de confiança na moeda nacional e queda no PIB do país-alvo. Filho pontua ainda:

> "O sucesso da operação da bomba-dólar mostra que esse artefato veio para ficar e que o monopólio americano dessa nova arma deverá ser mantido. Com o advento desse artefato, potências rivais aos EUA tenderão a construir mecanismos que busquem minimizar seus efeitos. Entretanto, a capacidade de resposta institucional desses países é, até o momento, muito reduzida e requer ampla cooperação com seus parceiros. Ademais, os custos desse tipo de confrontação ao poder americano são demasiadamente elevados para que essas estratégias possam ser consideradas uma opção razoável a ser implementada." (Filho, p. 82, 2022).

Desse modo, o dólar simboliza o caráter americano do processo de globalização. Se é de interesse dos outros Estados ganhar algum tipo de autossuficiência a única saída é uma quebra sistêmica, de modo que a globalização não seja o modus operandi do sistema global e que o dólar não mais ocupe o lugar central que atualmente ocupa.

CONCLUSÃO

A globalização é um fenômeno claramente percebido no cotidiano da maioria das pessoas. Esse processo de integração econômica, política, social e cultural se faz presente desde a integração mundial da bolsa de valores até o lançamento simultâneo de uma série em uma plataforma de streaming. Teóricos apontam que esse entrelaçamento do mundo teve seu início no final da Segunda Guerra Mundial, outros colocam seu início nas Grandes

Navegações e o descobrimento do Novo Mundo. Qual seja seu início, a crise de 2008 marcou uma profunda cicatriz na percebida espiral ascendente que marcava a globalização desde os anos 80.

Os choques provenientes da crise de 2008 inspiraram discussões acerca do futuro da ordem econômica global. Quais foram os pontos positivos e negativos da globalização? Quem foram os seus ganhadores e seus perdedores? Esse processo não foi percebido apenas por acadêmicos dedicados a estudar o tema afinco. Harold James argumenta que a globalização é a força que mantém a inflação sob controle e que é impossível, dada a conjuntura atual, um país se desvincular da sociedade internacional e traçar um caminho para se manter autossuficiente. Georgieva, a presidente do Fundo, ecoa a receita dada por James para combater a inflação e a "crise sobre crise" que o mundo enfrentava no momento da gravação de sua entrevista, a pandemia do coronavírus e a guerra entre Rússia e Ucrânia e Gourinchas traz o foco do debate para o papel do dólar e a ascensão de economias emergentes na dinâmica do sistema.

Todos os participantes dos podcasts fornecidos pelo FMI são indivíduos altamente qualificados em suas respectivas áreas e são integrantes do corpo do próprio FMI ou são especialistas convidados. No entanto, compor as fileiras dessa instituição traz consigo limites teóricos e ontológicos para os trabalhos e análises apresentadas por esses indivíduos. Sendo o FMI uma das instituições basilares não só para o sistema econômico atual, mas para o próprio processo de globalização, qualquer apontamento que fuja dos instrumentos sancionados disponíveis para a solução de crises do sistema sequer parece ser considerado. Outro ponto a ser destacado é o nível de enclausuramento experienciado por esses porta-vozes no que diz respeito ao limite ontológico de suas contribuições. É nítido que a posição dos falantes é limitada ao Norte Global e apenas os países que se encontram dentro dessa caracterização parecem ter agência nas discussões e ações referentes ao combate das crises sistêmicas.

Retomando a pergunta de pesquisa: estamos a caminho da desglobalização? De forma simples, não. Apesar de ser possível observar algumas tentativas não-hegemônicas, notadamente o BRICS, afirmar que o mundo caminha para uma desglobalização significa solapar o papel do dólar na economia mundial. Isso, obviamente, vai contra ao interesse dos Estados Unidos, que é o principal beneficiário dessa conjuntura, mas também vai contra aos interesses daqueles que se colocam como os seus "adversários" ou, de maneira menos maniqueísta, os promotores de um possível novo arranjo internacional. A China, por exemplo, sendo o país com a maior reserva de dólares do mundo e um desses possíveis promotores seria diretamente prejudicada por essa mudança de paradigma. Desse modo, a

contestação total da hegemonia do dólar significaria também uma perda de poder para os chineses e para os americanos, como para todos os outros países que utilizam o dólar como moeda internacional.

Assim não é possível falar em desglobalização no presente momento. A globalização é o sintoma de um longo processo que está enraizado no sistema internacional. Pensar e propor uma mudança para a ordem vigente é uma tarefa árdua e demorada, com a sempre presente ameaça de ir contra os interesses americanos. Ainda que o sistema internacional esteja vivenciando um ponto crítico, no qual conversas contra-hegemônicas estejam sendo professadas, o trono do mundo continua sendo ocupado pelos Estados Unidos da América.

REFERÊNCIAS

KROES, Rob. GLOBALIZATION AND AMERICANIZATION: QUESTIONS OF CITIZENSHIP AND NATIONHOOD. **Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos**, p. 56-70, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=US9xpV4OjT8C&lpg=PA56&ots=vz_oA1FLwZ&dq=Internet%20Americanization&lr&hl=pt-BR&pg=PA60#v=onepage&q=Internet%20Americanization&f=true.

CARTACAPITAL – Salat, a oração no islã https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-salat-a-oracao-no-islam/.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, ULRICH, et al. *Global America?: The Cultural Consequences of Globalization*. DGO-Digital original. Liverpool University Press, 2003. https://doi.org/10.2307/j.ctt5vjfbd.

CEVIK, Serhan. Long Live Globalization: Geopolitical Shocks and International Trade. Outubro de 2023. Disponível em: https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2023/10/27/Long-Live-Globalization-Geopolitical-Shocks-and-International-Trade-540832.

MULHALL, Daniel, *Black '47*: Ireland's Great Famine and its after-effects. 2018 Disponível em:https://www.dfa.ie/irish-embassy/usa/about-us/ambassador/ambassadors-blog/black47irelandsgreatfamineanditsafter-effects/#:~:text=It%20is%20estimated%20that%20the,1%20million%20Irish%20people%20emigrated. Acesso em: 3 de mar de 2024.

GOURINCHAS, P. Geopolitics and Dollar Dominance. 22 de junho de 2022; FMI. Disponível em:

https://www.imf.org/en/News/Podcasts/AllPodcasts/2022/06/17/pierre-olivier-gourinchas-on-geopolitics.

JAMES, H. In Defense of Globalization, fevereiro de 2023. Disponível em: https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2023/02/23/harold-james-in-defense-of-globalization.

NATALUCCI, F. Global Financial Stability: Implications of the War in Ukrain; abril de 2022. Disponível em: https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2022/04/19/GFSR-April-2022.

GEORGIEVA, K. Facing Crisis Upon Crisis: How the World Can Respond; abril de 2022. Disponível em: https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2022/04/14/md-curtain-raiser-sm-2022.

SANAHUJA, José Antonio; BURIAN, Camilo López. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. Conjuntura Austral, v. 11, n. 55, p. 22-34, 2020.

FILHO, E.T. Sanções contra a Rússia: bomba dólar, desglobalização e geopolítica. OIKOS: Revista de Economia Política Internacional; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Volume 21, número 2, 2022.

ONU News. Malária contaminou 228 milhões e matou 405 mil pessoas no ano passado; dezembro de 2019. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/12/1696561.

OPAS. Dengue; 2024. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/dengue#:~:text=Em%202019%2C%20foram%20registrados%20pouco,mil%20graves%20e%201.534%20óbitos.

CNN Brasil. Mais de 10 milhões de pessoas morrem todos os anos por câncer, revela OMS; 17 de novembro de 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mais-de-10-milhoes-de-pessoas-morrem-todos-os-anos-por-cancer-revela-oms/.

CNN Brasil. Quase 39 milhões de brasileiros estão na informalidade, aponta IBGE; 29 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/quase-39-milhoes-de-brasileiros-estao-na-informalidade-aponta-ibge/#:~:text=Quase%2039%20milhões%20de%20brasileiros%20estão%20na%20informalidade%2C%20aponta%20IBGE,-Segundo%20IBGE%2C%20país&text=O%20país%20registrou%20uma%20taxa,trimestre%20até%20agosto%20de%202023.

RAMMSTEIN. **Amerika**; 20 ago 2004. Disponível em: https://youtu.be/cK4HbYi4fzc?si=x_PEM_v4ZuRcrl3Y. Acesso em: 14 jan 2024.

JORNAL DA GLOBO. Brasil tem cerca de 1,5 milhão de pessoas que trabalham em aplicativos de forma informal, diz Ipea; 10 maio 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/05/10/brasil-tem-cerca-de-15-milhao-de-pessoas-que-trabalham-em-aplicativos-de-forma-informal-diz-ipea.ghtml. Acesso em: 14 jan 2024.

CHANG, Ha-Joon. Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica; 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3179665/mod_resource/content/1/%5BCHANG%2C%20Ha-Joon%5D%20Chutando%20a%20Escada.pdf